

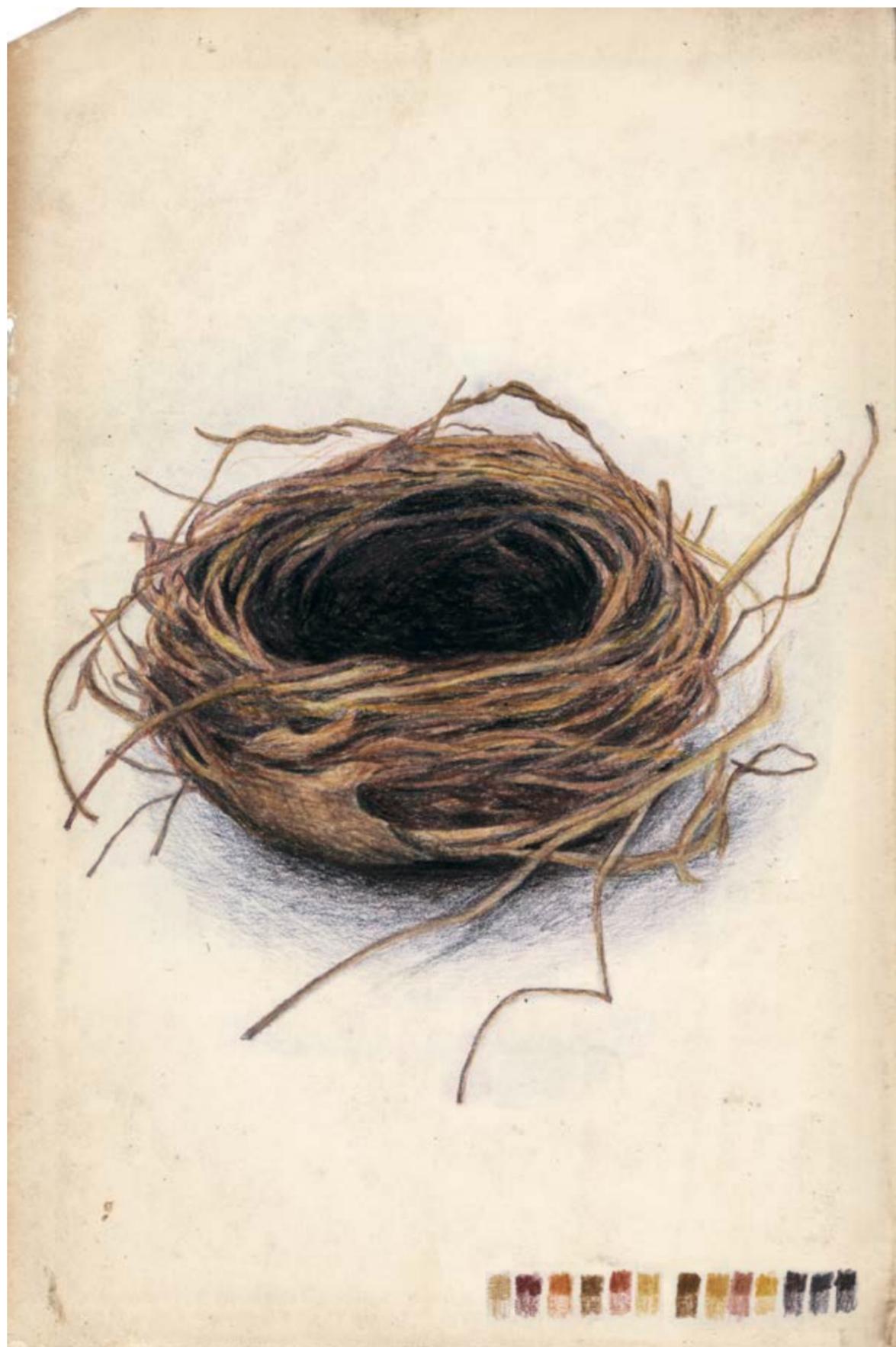
CORA CORALINA

Lembranças de Aninha



Ilustrações
Claudia Furnari


BOA VIAGEM



Bem-te-vi... Bem-te-vi...

Que terás visto?

Há quanto tempo tu avisas, bem-te-vi...

Bem-te-vi da minha infância, sempre a gritar,
sempre a contar, fuxiqueiro,
e não viste nada.

Meu amiguinho, preto-amarelo.

Em que ninho nasceste, de que ovinho vieste,
e quem te ensinou a dizer: Bem-te-vi?...

Bem te vejo, queria eu também cantar e repetir
para ti: Bom dia, bem te vejo, te escuto.

Bem-te-vi sobrevivente

de tantos que já não voam sobre o rio,
nem pousam nas palmas dos coqueiros altos...

Mostra para mim, meu velho companheiro de uma infância ultrapassada,
tua casa, tua roça, teu celeiro, teu trabalho, tua mesa de comer,
tuas penas de trocar,

leva-me à tua morada de amor e procriar.
Vamos ao altar de Deus agradecer ao criador
não desaparecerem de todo os bem-te-vis
dos Reinos de Goiás.

Canta para mim, tão antiga como tu,
as estorinhas do passado.
Bem-te-vi inzoneiro, malicioso e vigilante.
Conta logo o que viste, fuxiqueiro do espaço,
sempre nas folhas dos coqueiros altos,
que também vão morrendo devagar como morrem os coqueiros,
comidos de velhice e de lagartas.



A menina, as formigas e o boi

Sempre gostei de olhar carreirinha de formiga. Seus movimentos. Suas constâncias. Acho que aprendia muito com elas, que formiga muito ensina. Aquele vaivém continuado, aquele poder. Suas cargas pesadas, todas coletivas, intencionadas. Carregos de coisas misteriosas, fanicos, indistintos. Elas sábias, instruídas, sagazes.

De menina, debruçava na terra, olhava. Acompanhava. Criava estorvos. Interditava. Cacos cheios d'água, depois dava ponte. Derrubava, elas nadando, emboladas. Salvava. Repunha. Malvadezas de criança. Vezes outras trazia agrados. Punhados de farinha grossa. Espalhava no carreirinho delas. Recolhiam grã a grã. Vassouravam, levavam tudo para sua casa subterra. Eu inventava coisas. Entrava com elas casa adentro. Belezas. Jardim, mesas, cadeirinhas, redinhas. Crianças formigas balançando. Brincando de roda, cantando "Senhora dona Sancha". Eu com elas.

Em casa misturava essas coisas. Contava. Afirmava. Tinha entrado na casinha delas. Os vistos. Recontava. Jurava. Minhas irmãs gritavam: Mãiee... Aninha já é vem com a inzonas dela... Vem vê ela... Mãe vinha altaneira. Ralhava forte. Me fazia calar. Tinha seus medos. Fosse tara.

Um ramo de loucura, eu sendo filha de velho, doente. Meu Pai mortal quando nasci.

Eu era menina boba. Tinha medo da morte, ficar piticega, doente, feridenta, sendo filha de velho. Corria para minha bisavó. Ela era boa. Consolava. Todos viam em mim a velhice e doença de Pai. Morreu quando eu nasci.

Eu era assim sardenta, diziam: cara de ovo de tico-tico... Chorava. Perna mole – caía à toa. Inzoneira... Não sabia o ser da palavra. Doía só eu. Minhas irmãs não, nenhuma era inzoneira, só eu.

Acreditava no capeta, tinha medo que entrasse no meu corpo. Acreditava – boneca de noite vira gente pequenina. Dão bailes, fazem suas festas, comidinhas, arrumavam suas casinhas. Levantava sutil, ia ver. Depois contava. Tinha visto coisas... Aí Dindinha teve dó de mim. Ralhou forte. Arrazoou – deixassem dessa conversa – filha de velho doente, me faziam parva...

Esse e outros temas de gente grande eu ouvia e fui guardando, fazendo segredo das bonecas, da minha ida constante à casa delas, da intimidade com as formigas. Situei um porãozinho dentro de mim escondido, maliciado.

Não falava mais. Escondia meus achados. Tia Joana veio um dia, me agradou, me deu um vintém, disse – coitadinha – órfã de Pai. Guardei a palavra. Eu era órfã de Pai... Tive dó de mim. Chorei escondido.

Nesse tempo descobri um ninho de fogo-pagou no galho da laranjeira. Morei tempo nele. No oculto. Batizei os filhotes. Dei nomes. Eu era madrinha. Meus compadres. Calada, disfarçada. Ia aprendendo as astúcias.

O quintal era grande. Meu mundo. Via o meu Anjo da Guarda, ele me dava consolo, falava do céu, me protegia do capeta. Aprendi a rezar.

E foi que tinha ido às descobertas. Passei no carreirinho delas, reparei. Atravancado, dificultado. Perguntei: tinham achado um boi morto, só que faltava uma perna traseira. Deram conselhos... Mandantes. Escoteiras fossem a ré, procurar, trazer a perna. Estaria de certo lá...

